

## APRESENTAÇÃO

Os espaços urbano e rural vêm assumindo uma importância inédita nos diversos estudos da História, da Sociologia, da Antropologia, passando pela Geografia e pela Etnografia, sendo tomados não somente em sua dimensão física, mas igualmente na imaginária e simbólica.

Num processo contemporâneo, em que os espaços rurais vão se tornando mais rarefeitos e em que os urbanos apresentam maiores concentrações; em que contingentes cada vez mais numerosos da população vão engrossando as fileiras da exclusão, em função da constante expansão e reformulação do capitalismo, com seus múltiplos e imbricados desdobramentos, indagar-se sobre os mecanismos da produção e reprodução desses espaços é uma questão bastante atual.

Em primeiro lugar é preciso considerá-los não mais como palco da história, mas como um agente, um elemento constitutivo das relações sociais que nele, e por meio dele se estabelecem; é preciso encará-lo como histórica e culturalmente produzido.

Nessa direção, o presente número de Projeto História reúne traduções, artigos, resenhas e entrevistas que incursionam pelos caminhos dessa reflexão, incorporando a produção de urbanistas e arquitetos, geógrafos, antropólogos e historiadores, entre outros.

Acompanhamos o surgimento do urbanismo como disciplina e como produção e organização do espaço urbano, notando como concepções e modelos de cidade se traduzem em traçados e bens edificados, mediante processos que se sobrepõem e entrecruzam de maneira complementar ou conflituosa, numa relação mútua de construção e desconstrução. Por um lado se introduz a problemática da extinção da cidade com o desenvolvimento do urbano enquanto que, por outro, explora-se o papel da técnica na mutação da mesma.

Nessa perspectiva, merecem destaque as reflexões sobre a urbanização da natureza, desvelando formas como a configuração e uso dos espaços verdes como partes integrantes das cidades, modificando-se com o tempo e constituindo-se com variantes de

uma cidade para outra, atuam como um convite a transformações de comportamentos, de relações e de sensibilidades. Da mesma forma, outras ponderações são feitas em torno da construção de projetos urbanísticos, do controle da luz artificial e do uso da fotografia.

Entre os artigos, dois deles, gerados a partir de palestras, e guardando características dessa forma de comunicação, levam-nos a percorrer problemáticas do patrimônio edificado e da constituição dos territórios urbanos. Refletindo sobre a questão do patrimônio numa perspectiva de construção de uma cidadania democrática, Arantes nos fala sobre os desafios enfrentados por propostas de conservação integrada e sustentada, como forma de contribuir para a superação do desvã entre ideais preservacionistas e os fortes processos de destruição e exclusão nas megacidades de países menos desenvolvidos. Rolnik, trabalhando com a idéia de espaço histórica e culturalmente construído, recupera e discute a presença e a força da lei e da política na construção dos territórios urbanos.

Já Rezende faz reflexões sobre o “ser” da cidade, trabalhando com conceitos como memória e tempo, numa articulação entre História e Literatura. Com um olhar mais voltado para os grandes espaços inexplorados do oeste brasileiro, Maciel discute questões relativas à construção das linhas telegráficas pela Comissão Rondon e às interpretações, imagens e significados elaborados por engenheiros, militares e técnicos sobre os “sertões” desbravados. Antonacci, acompanhando lutas sociais de seringueiros, trabalhadores extrativistas da floresta amazônica no Acre, ante os devastamentos socioambientais na região desde 1970, discute as injunções entre cultura e natureza.

Flores e Serpa exploram o simbolismo da viagem do Governador Adolfo Konder ao oeste de Santa Catarina, em 1929, na compreensão da construção da brasilidade e no papel de configuradora de fronteiras raciais e espaciais, enquanto Angelo-Menezes nos conduz ao Vale do Tocantins como o mais povoado da Amazônia colonial, analisando peculiaridades da política agrária do Marquês de Pombal.

As entrevistas nos transportam, com Laymert Garcia dos Santos, para questões da biodiversidade e a cultura das florestas, sondando o papel e os limites da Universidade e de intelectuais brasileiros na incorporação e discussão do espaço da exclusão. Levamos, igualmente, a cotejar tradições populares do Nordeste brasileiro, por meio da experiência de Ariano Suassuna com o universo de fontes populares e eruditas tão amplamente percorridas por ele.

Para além das pesquisas em andamento, ou já concluídas, no programa de História da PUC-SP, introduzidas neste número, versando sobre problemáticas de luta por espaços e por direitos, as resenhas nos remetem para problemas do trabalho e da pobreza

e para improvisações na precariedade do viver e do trabalhar na cidade paulistana na virada do século XIX para o XX. Conduzem-nos à questão da habitação social no Brasil e nos levam a revisitar escritos de E. P. Thompson abordando o tema do costume e a maneira forte e criativa como os usos costumeiros se manifestaram na cultura dos trabalhadores na Inglaterra do século XVIII.

Uma nova seção se inaugura a partir deste número, trazendo a relação das teses e dissertações defendidas no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, no decurso do ano 1998, assim como suas notícias mais recentes.

*Yara Aun Khoury*  
*Editora Científica*